



SÍMBOLOS DOS LUGARES, DOS ESPAÇOS E DOS "DESLUGARES"

■ JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE MELLO*

RESUMO

OS LUGARES SÃO REPLETOS DE SÍMBOLOS TRANSITÓRIOS OU IMORREDOUROS. ASSIM DEFENDEM OS GEÓGRAFOS DO HORIZONTE HUMANÍSTICO. A SIMBOLOGIA NÃO ESTÁ RESTRITA AOS CENTROS DE AFETIVIDADE, DESPOJAMENTO OU EXPERIÊNCIA. OS ESPAÇOS VASTOS, ESTRANHOS, DESCONHECIDOS E DISTANTES, BEM COMO OS "DESLUGARES" MONÓTONOS E REPETITIVOS REÚNEM IGUALMENTE SÍMBOLOS DE GRANDEZAS VARIADAS. NO ÂMBITO DE TAL COMPLEXIDADE, O TEXTO ESTABELECE DISTINÇÃO E UNIDADE AO CARÁTER SIMBÓLICO DOS LUGARES, ESPAÇOS E "DESLUGARES", EXPLORANDO SÍMBOLOS ÍNTIMOS/INDIVIDUAIS E/OU COLETIVOS, ESQUECIDOS, FORJADOS NA CULTURA, TRANSMITIDOS POR OUTROS OU CRIADOS NOS SONHOS.

PALAVRAS-CHAVE: SÍMBOLOS, LUGARES, ESPAÇOS, "DESLUGARES", GEOGRAFIA HUMANÍSTICA.

Os lugares são repletos de símbolos. Assim defendem os geógrafos do horizonte humanístico. A simbologia não se restringe aos centros de bem querência, afetividade, despojamento experiência. Os espaços – vastos, estranhos, desconhecidos e "distantes" – bem como os "deslugares" – monótonos e repetitivos – reúnem igualmente símbolos de grandezas variadas. No âmbito de tal complexidade, o texto almeja estabelecer distinção e unidade aos conceitos de símbolos, lugares, espaços e "deslugares" (RELPH, 1976; POCOOCK, 1988; BUTTIMER, 1990; TUAN, 1983; 1996; 1998; 1999).

Lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. Conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico de magnitudes diferenciadas como pátria, prédios, ginásios e as simples pedras

do caminho são as tarefas a serem empreendidas nessas reflexões inaugurais.

Os lugares/símbolos são entes queridos ou merecedores de considerações especiais. Tais envolvimentos, que despontam com a experiência, a confiança e a afeição, denotam intimidade, na acepção da palavra a qualidade do "que está muito dentro" ou o "que atua no interior", como apontam os dicionários.

Os lugares/símbolos, nessa abrangência, são igualmente públicos, compartilhados e forjados por intermédio de edificantes significados. A idéia pode ser reforçada ancorando-se na frase do filósofo francês Gabriel Mareei, reaproveitada por RELPH (1976, p.34): "um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar". O lar/lugar/pátria é, ao mesmo tempo, um símbolo de união e congregamento. Trata-se de um mundo vivido e filo-

sófico, existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias, uma "morada familiar".

O fervor patriótico resulta do incentivo cultivado pelo estoque de conhecimento e dos esforços emocional intelectual. Decorre ou acontecimentos corriqueiros e notáveis, do orgulho, das tradições e do bem comum, ocorridos no chão dos ancestrais, fonte de vida, dos conflitos, das bênçãos dos céus, do sol e das tempestades, das façanhas, dos frutos, do suor, do regozijo, das permutas, das agruras e dos sonhos proporcionados neste lar/lugar, apenas simbolicamente apropriado, cuja dimensão se perde no horizonte. De toda maneira, a lealdade para com a pátria promove, ao mesmo tempo, uma significação especial de lar/lugar/símbolo (TUAN, 1983, 1991; MELLO, 1991).

Um outro traço extraordinário de afeição/identificação diz respeito ao "habitué" de um lugar apropriando-se simbolicamente dos artefatos de diferentes portes e esferas, pois mesmo a destruição de um velho e querido prédio, localizado em um logradouro acolá, pode causar aqui ou descontentamento e nostalgia, por ser parte integrante do acervo de um indivíduo, porquanto impregnado pela força do sentimento, da experiência, do reconhecimento e da sensação de pertencimento.

Adentremos, a seguir, nos ginásios esportivos, centros de júbilo, algazarra e regras, mas portadores de identidade e significados. A referência geográfica está presente no posicionamento das equipes a cada 24 segundos e inversamente a cada tempo de 20 minutos da partida de bola ao cesto e, nestas circunstâncias, do lugar a ser defendido ao espaço a ser capturado, em meio às táticas "bolas" pelos técnicos, bem como na delimitação dos lugares e espaços das torcidas. Demarcar, nessas

condições, indica poder e sacralização de lugares, ou seja, um desafio triunfal sobre a torcida adversária situada em seu rejeitado espaço. Os limites dos espaços e dos lugares são fixados através da comunhão de adeptos com suas bandeiras, cores, camisas, gritos, palmas, xingamentos e vaias, elementos utilizados com respeito à proteção dos lugares ou desprezo, ou mesmo temor aos espaços do inimigo.

A cantoria tem sido também uma outra convincente arma de conquista de lugares simbólicos nas arenas esportivas. Vejamos uma ilustração com um conhecido refrão funk empregado em diversos outros contextos: "ah!/ah!/uh!/uh!/o Tijuca é nosso", bradou a torcida do Clube de Regatas Vasco da Gama na vitória sobre o Fluminense em uma das semifinais do Campeonato Nacional de Basquete, em junho de 2002, expondo diante da vitória o domínio na quadra, na euforia expressa nas arquibancadas eousada e simbolicamente na posse esporádica do ginásio, palco de diversas manifestações culturais na cidade do Rio de Janeiro.

No mesmo plano das projeções simbólicas, consideremos evidência ainda mais uma desconcertante. Na experiência repetida, as pedras portuguesas de mera aparência, reproduzindo em seus desenhos as ondas do mar em parte da orla da Cidade Maravilhosa, transformaram-se em "veículo de significado" (WAGNER, 1979, p. 20). Como no pensamento filosófico desse autor, "não existem marcas e signos em si", mas "somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos" (Ibid, p. 21) lhes atribuem. Esta questão de posse, defesa e significado remonta à noção fenomenológica do mundo vivido contemplando indissociavelmente os pertences privados ou públi-

cos, parentes, amigos, conhecidos, eventos, ações e a base territorial intrinsecamente imbricados, introjetados nos indivíduos e grupos sociais. Em outras palavras, consoante a alma dos lugares. Nesse contexto, as pedras portuguesas, de simples ornamentação no chão de toda gente, assomam como preciosidades pertencentes à coletividade. Desse modo, mesmo as pedras do caminho fazem parte do acervo íntimo das pessoas.

Com vistas ao entendimento das múltiplas interpretações possíveis de serem realizadas no âmbito dos símbolos dos lugares, prossigamos apresentando os símbolos representativos. Como lembra Tuan (1980), o símbolo sugere ser a parte significativa do todo. Nesse nicho, encontram-se cartões postais e centros turísticos como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. A natureza e as obras do homem no alto dessas elevações contribuíram para forjar tais referenciais como símbolos da cidade do Rio de Janeiro. No tocante ao Pão de Açúcar, o bondinho, transitando desde 1912, belo panorama descortinado na viagem e a própria rocha do complexo adornam um quadro granítico amplamente utilizado na sedução de turistas e na divulgação da cidade. O povo e mídia conferem um status de tal maneira expressivo ao Pão de Açúcar, que este passou a ser um símbolo compartilhado com orgulho pela coletividade carioca.

Quanto ao Cristo Redentor, sua gigantesca imagem fincada no alto do morro do Corcovado, eternamente de braços abertos, a abençoar a cidade, configura fraternidade e amparo, acolhida e empatia, uma centralidade extraordinária, seja para quem alcança o cume da montanha para desfrutar da privilegiada vista da cidade, seja para quem a procura constantemente, de qualquer ponto da

cidade, como um referencial beleza geográfico, de meteorológico. Um símbolo maior que supera a questão religiosa e representa, em qualquer parte do mundo, a "Cidade Maravilhosa" de São Sebastião do Rio de Janeiro, plena de fé, magia e hospitalidade (TUAN, 1980, 1983; MELLO, 1991,2000).

Aceita a idéia do símbolo como componente expressivo do todo, prossigamos com sua antítese, ou seja, os anti-símbolos concernentes aos fragmentos restantes expostos em alguma porção espacial, como o pequeno trecho sem fim ou destinação da Ladeira da Misericórdia, caminho para se alcançar o demolido Morro do Castelo, "berço" da cidade do Rio de Janeiro ou a chaminé de uma fábrica de açúcar que "brota" do gramado nas proximidades do Túnel Santa Bárbara, bairro do Catumbi. São anti-símbolos dos espaços, porquanto exibidos como em uma espécie de vitrine, sem despertar maiores atenções, exceto a sensação da inutilidade de seus próprios artefatos, mas que hoje persistem com formas sem funções ou significados, na medida em que seus lugares feneceram na voragem do tempo.

O ponto seguinte, sobre a reflexão em tela, contempla os símbolos transcendentais criados a partir da experiência vivida, dos valores, da cultura, do vai-e-vem do dia-a-dia e do estoque de conhecimento. Neste conjunto, encontram-se templos católicos cujas formas materiais e funções espirituais foram sobrepujadas no conjunto de cerimônias religiosas e atividades profanas, ocorridas nas adjacências e ao longo de um processo de descobrimentos, familiaridade e cruzamentos. As expressões simbólicas (e transcendentais) surgem desde a parte exterior com a torre de uma igreja

de bairro, significando a elevação do espírito aos céus e dominando, ou imponente, os seus arredores até a sua denominação sendo proveitosamente convertida nos letreiros dos estabelecimentos comerciais ou de serviços do lugar. Sua relevância é reconhecida por aqueles que não freqüentam seus cultos, festas e reuniões, mas que a utilizam como indicador geográfico, transformado em símbolo do bairro vivido.

Mudemos a escala dos símbolos transcendentais. Focalizemos a igreja de Nossa Senhora da Candelária, situada na Praça Pio X, esta propositalmente criada para salientar sua monumentalidade, no início de uma das maiores artérias da Área Central do Rio de Janeiro, a Avenida Presidente Vargas. Trata-se de um símbolo transcendental interiorizado na alma carioca, em razão de sua pompa arquitetônica, rodeada "por uma aura de profunda seriedade moral" (ROSENDAHL, 1996, p. 64). Lugar sagrado, de devoção e compromisso emocional, a "Candelária", nome utilizado com intimidade, tem sido ponto focal ou mesmo participado indiretamente de aterros, desfiles carnavalescos, protestos políticos, em meio ao centro de negócios da Área Central do Rio de Janeiro, entre outras finalidades profanas concretizadas em suas cercanias (Ibid.; MELLO, 2002a).

Um outro templo integrante da galeria dos símbolos transcendentais – a Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro – pode ser igualmente conceituado como símbolo imposto. A mesma, ao longo dos séculos, recebeu endereços diversos. Em 1976, foi, finalmente, sagrada em uma explanada surgida com o desmonte do morro de Santo Antônio, ocorrido em 1954, na Área Central do Rio de Janeiro, permitindo o avanço

do núcleo central sobre a sua periferia. Neste mesmo descampado foram assentados outros símbolos traduzidos não apenas no tocante ao poder, como também na forma majestosa dos edifícios da Petrobrás, do BNDES e do antigo BNH, atual Caixa Econômica Federal. Na realidade, a arquitetura da Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro comunga com os tempos modernos do concreto de grande visibilidade, formato cônico, assemelhando-se desconcertantemente a um ginásio esportivo. A imensidão de seu interior, no entanto, induz o fiel à idéia de sua pequenez diante da obra do Criador (CAPDEVILLE et al, 1967; CORRÊA, 1995; ABREU, 1997; MELLO, 2002b).

Símbolos impostos e, posteriormente, assimilados dizem respeito aos prédios magníficos, como o referido templo, bem como monumentos suntuosos e bulevares, projetados e concluídos pelas opressivas reformas urbanas, na busca da extinção das formas espaciais pretéritas, conduzindo a grandes corredores de trânsito e ao disciplinamento do uso do solo urbano, ou, ainda, à imposição de muralhas segregacionistas. Ao lado disso, símbolos permanentemente escorados e ressonantes valem-se do passado lendário para sustentar ou recuperar o brilho exibido outrora e prosseguir como importante via comercial e financeira, como a elegante Rua do Ouvidor, do Rio de Janeiro do século retrasado, ou o centro de entretenimento do bairro da Lapa, da mitológica malandragem do início do século XX. Nas últimas décadas, contudo, no enalço do glorioso passado de compositores, malandros, prostitutas, cafetões, pederastas, cabarés e hotéis, outros segmentos de renda passaram a freqüentar o espaço coletivo e os diversos estabelecimentos culturais sedi-

ados na Lapa, valendo-se justamente de sua magia pretérita, cristalizada na fisionomia de seus antigos sobrados, emoldurados pelos afamados Arcos da Lapa, ainda que o panorama cultural e o conteúdo social tenham se modificado.

A simbologia, parafraseando Cosgrove (1998), está em toda parte e mesmo nas diferentes conotações emprestadas aos vocábulos como centro, periferia, subúrbios e shopping centers, e em ritmos como o samba ou o tango. São símbolos remissivos que aludem aos lugares, interiorizados, parte do ser como postulam os princípios fenomenológicos, ou dependendo dos valores individuais ou dos grupos sociais, esnobados ou achincalhados e, portanto, pertencentes aos espaços.

O centro, rico em significados e para onde as coisas convergem, é de toda gente, e, nestas condições, as áreas centrais tornaram-se as grandes referências das cidades. A periferia, no entanto, exhibe tons diversos. Preterida, distante e "escondida", a periferia empobrecida constitui espaço para aqueles que a evitam ou a desconhecem. Mas, em confronto às adversidades e às imposições do sistema, a vida pulsa exuberante, nas formas alternativas e de sobrevivência nesses lugares das trocas, do sobretrabalho e do despojamento. A periferia enobrecida, por outro lado, ostenta a riqueza de suas formas e o aparato de amenidades verde, mar, montanha, por vezes isolados ou em conjunto, o lugar da auto-segregação destinado àqueles que podem escolher onde e como morar (TUAN, 1975; CORRÊA, 1995).

Quanto aos subúrbios, estes emergiram da condição de sub urbe para sentidos diversos. Nos Estados Unidos, os subúrbios são símbolos que remetem à conexão do esplendor do verde à gran-

deza da cidade. Os aprazíveis subúrbios estadunidenses são edens preenchidos por mansões, sem muros, cercadas de canteiros e jardins. Nos países centrais, como os Estados Unidos, as pessoas de alto poder aquisitivo residem em bairros afastados da confusão e do ar poluído do centro de negócios e, ao mesmo tempo, próximos (de automóvel) da abundância de bens e serviços oferecidos nos espaços urbanos. Nos, países periféricos, onde os custos para a implantação dos melhoramentos urbanísticos e a irradiação de amenidades se tornam extremamente dispendiosos, as elites e alguns segmentos da classe média procuram, da mesma maneira, habitar em redomas de verde, como os bairros-jardins ou em condomínios fechados, nas encostas das montanhas ou ainda à beira-mar. Mas, no Brasil, o estigma para os subúrbios e as periferias é tão repulsivo que estes vocábulos e conceitos estão fora de cogitação para os "outsiders". Assim, no Rio de Janeiro, o subúrbio assumiu uma expressão pejorativa, de espaço afastado, sendo o trem o veículo/símbolo de pobreza, cuja pecha somente nas últimas décadas começa a perder fôlego em razão do avanço da classe média sobre os bairros da chamada zona suburbana (TUAN, 1980, 1986; MELLO, 1993; CORRÊA, 1997; ABREU, 1997).

Segundo David Harvey (1993, p. 261), "os símbolos de riqueza, de posição, de fama e de poder, assim como de classe, sempre tiveram importância na sociedade burguesa". A idéia contagiou elementos de outros estratos de renda. Nesta trilha, os shopping centers aludem a esta preocupação com status, beleza e prestígio. Enclaves plenos de glamour e maravilhas, nesses subcentros fechados e de luxo, os passantes são belos ou assim se fazem. Como nos lindos sonhos de fadas, os shopping

centers reproduzem paraísos encantados, os quais oferecem para os seus "eleitos" comodidade, música, pequenos lagos, iluminação feérica, comércio e serviços refinados, além de proteção contra a violência, a poluição, as intempéries e a pobreza ou miséria do mundo "exterior" (MELLO, 1993; CORRÊA, 1997).

O derradeiro símbolo remissivo a ser registrado neste texto diz respeito ao samba, um ritmo "tão forte e recorrente" no cenário das artes brasileiras que persiste como "meio de identificação e de valorização do lugar" no qual nasceu e que, por isso mesmo, se confunde com a própria alma do Rio de Janeiro (SOUTO DE OLIVEIRA, MARCIER, 1998, p. 82).

Em outra galeria, a dos espaços e seus recriminados espaços, as inscrições dos pichadores constituem um veio de linguagem e comunicação, de um modo geral repudiado, visto que profanam os lugares e seus símbolos. Neste nicho de símbolos rejeitados encontram-se, por vários motivos, os cemitérios, os pontos dos gays ou das gangues de rua, alocados nos espaços repulsivos e de temor. Todavia, ganham contornos diversos, pois enquanto os chamados "usos sujos" dos campos dos mortos podem ser lugares/símbolos sagrados e de respeito, os lugares dos gays, por exemplo, classificam-se, para os seus adeptos, como símbolos de liberdade, resistência, expressão e freqüência.

Consideremos, a seguir, os não lugares ou "deslugares" como conceituado pelo geógrafo Edward Relph, na obra "Place and Placelessness" (1976), referente às criações humanas clonadas, monótonas em sua forma e até mesmo a enfadonha e uniforme porção oferecida pela natureza nos desertos ou nos pólos climáticos. Com efeito, conjun-

tos habitacionais, viadutos ou ainda a "sheratonização" ou "hiltonização" da paisagem empobrecem o deslocamento dos homens nesses "deslugares". Desprovidos de afetividade, os fixos sociais (SANTOS, 1988) repetitivos empobrecem o posicionamento do homem nos espaços e nos "deslugares", tal a insistência das formas espaciais copiadoras, mas podem assumir o grau de lugar se vividos/queridos/idolatrados. Neste caso, os artefatos "pasteurizados", uniformes e seqüenciais são deslugares para os "outsiders", a partir de suas posturas estéticas, mas lugares para aqueles que freqüentam/expericiam essas construções destinadas à pausa, ao movimento e à morada (TUAN, 1983), como os conjuntos residenciais ou mesmo os viadutos que enfeiam os espaços e lugares, mas são dotados de serventia no balé do lugar, empreendido no dia a dia com gestos, passos, itinerários estabelecidos por transeuntes e tendo os veículos como coadjuvantes nesta coreografia. No entanto, a despeito da monotonia, essas criações humanas podem ser alçadas à categoria de símbolos (RELPH, 1976, SEAMON, 1980).

No tocante às reminiscências, estas deixaram marcas profundas, e alguns lugares de outrora, mesmo pulverizados em suas formas materiais, prosseguem sendo cortejados, tornando-se símbolos eternizados na memória. Na realidade, como lembra David Harvey (1993, p. 86), recorrendo a Jenks, "todos trazemos um musée imaginaire na mente, extraído da experiência". Restaurar o passado revela o impulso de preservação do eu, como afirma Harvey, lembrando ser o passado o pilar da identidade individual e coletiva. Neste sentido, o acervo do passado é fonte de significação dos "símbolos culturais" (Ibid., p. 85), recompostos de

maneira criativa por geógrafos, historiadores, fotógrafos, entre outros especialistas, bem como em depoimentos, na literatura ou na música. Na escala íntima, a restauração dos símbolos do passado perpetua-se no movimento memorialístico, nas lembranças das casas da infância e da adolescência, dos lugares/símbolos outrora freqüentados e, por outro lado, adesão e posse da memória coletiva, ou seletiva, como preferem alguns pensadores, na medida em que seria difícil haver um consenso intersubjetivo. Seja como for, as pessoas, as artes e os estudiosos retransmitem e restauram a magia dos símbolos pretéritos, destruídos ou preservados no íntimo de cada um ou aclamado pelos grupos sociais, ou ainda nas valorizadas rugosidades, as velhas porções espaciais que perduram lado a lado junto aos lugares, espaços e "deslugares" modernos ou pós-modernos (HALBSWACHS, 1990; TUAN, 1998; MELLO, 2000).

No que concerne aos sofisticados patamares dos símbolos míticos, os mesmos avultam como decorrência da tradição oral, dos costumes e da propaganda da mídia ou dos pacotes turísticos que atribuem dotes extraordinários aos paraísos ecológicos ou aos eldorados urbanos. Outros símbolos míticos nascem da magia emanada por algum aspecto cultural, na busca do "shangrila", o lugar das delícias, ou, até mesmo em outra dimensão, na projeção anunciada pelas religiões, qual seja a travessia do portal do paraíso, com vistas à morada eterna envolta em contínua claridade (TUAN, 1983, 1999; MELLO, 1993,2000).

Em termos de lugares/símbolos culturais, o bairro de Copacabana ou a favela da Mangueira revelam-se como evidências extraordinárias. A "Princesinha do Mar", cantada em verso e prosa por

Braguinha e Alberto Ribeiro, mas, nas últimas décadas, proclamada, por alguns setores da sociedade, como decadente, continua sendo uma "meca" turística e congregando a maior reunião de pessoas no Rio de Janeiro, por ocasião do afamado Réveillon festejado na Avenida Atlântica. Paralelamente, a escola de samba das cores verde e rosa da favela da Mangueira projetou-se a partir da cadência de seus desfilantes e, nesse ritmo, ampliou os seus domínios na educação e nos esportes, somando multidões de adeptos de diferentes classes sociais e, como reconhecimento de sua relevância, recebeu a presença do homem mais poderoso do planeta, o ex-presidente Bill Clinton, dos Estados Unidos. Neste ponto, tanto Copacabana quanto a Mangueira constituem símbolos culturais cuja ressonância extrapola os limites da "Cidade Maravilhosa". Ambos constituem lugares/símbolos de brasilidade internacionalmente reconhecidos. Mas "decadente", embora de extraordinária afluência, o bairro com nome de santa, e perigosa, a favela da Mangueira, dominada pelo narcotráfico, estes símbolos, consagrados como eldorados urbanos, podem ser motivos de uma longa discussão conceitual quanto ao espaço e ao lugar (LESSA, 2000; MELLO, 2002).

De toda sorte, o presente texto procura mostrar a existência de símbolos Íntimos/individuais e/ou coletivos, a variabilidade e a dependência dos valores, da experiência e da cultura. Um símbolo perde ou recebe tal condição dependendo da escuridão ou da claridade, igualmente no transcurso do tempo, ou mesmo se temidas, proibidas ou franqueadas as suas dependências. Símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são

transitórios, outros imorredouros. Mas permanecem sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e “deslugares”.

NOTAS

* Professor do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLAN/RIO, 1997.
- BUTTNER, A. Geography, humanism, and global concern. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, v. 80, n. 1, p. 1-33, 1990.
- CAPDEVILLE, A. D. et al. A área central do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.
- CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1995.
- Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.
- HALBSWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993. LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MELLO, J. B. F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.
- A humanização da natureza – uma odisséia para a (re)conquista da natureza. In: SILVA, S. T.; MESQUITA, O. V. Geografia e questão ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. p. 31-40.

Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Tese (Doutorado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

Explosões de centralidades no Rio de Janeiro. In: MARAFON, G.; RIBEIRO, M. F. Estudos de geografia fluminense. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002a.

As catedrais de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos- AGB. João Pessoa: 2002b. CD-ROM.

POCOCK, D. C. D. Geography and literature. *Progress in Human Geography*. Syracuse, v. 12, n. 1, p. 87-98, 1988.

RELPH, E. Place and placelessness. London: Pion, 1976.

ROSENDAHL, Z. Espaço e Religião Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SEAMON, D. Body-subject, time-space routines, and placeballets. In: BUTTNER, A.;

SEAMON, D. The human Experience of Space and Place. New York : St. Martin's Press, 1980.

SOUTO DE OLIVEIRA, J., MARCIER, M. H. A palavra é: favela. In: ZALUAR, A; ALVITO, M. Um século de favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Ambigüidades nas atitudes para com o meio ambiente. *Boletim geográfico*, Rio de Janeiro, n. 245, 1975.

Topofilia. São Paulo: DIFEL, 1980.

Espaço e lugar. São Paulo: DIFEL, 1983. – The good life. Madison : University of Wisconsin Press, 1986.

A view of geography. *Geographical Review*, Washington, n. 81, 1991.

Cosmos & hearth: a cosmopolite's viewpoint. Minneapolis : University of Minnesota Press, 1996.

Escapism. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.

Who am I? An autobiography of emotion, mind, and spirit. Wisconsin : University of Wisconsin Press, 1999.

WAGNER, H. R. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.